6: Baldus SP22 Tapirape

REVISTA DO MUSEU PAULISTA

NOVA SERIE
VOLUME II

YALE

[TITLE PAGE]

SÃO PAULO
1948

TRIBOS DA BACIA DO ARAGUAIA E O SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS

por
HERBERT BALDUS

Tendo sido convidado pelo sr. dr. Modesto Donatini Dias da Cruz, diretor do Serviço de Proteção aos Índios, para representar o Museu Paulista e a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo na equipe por êle organizada para a inspeção de Postos Indígenas e penetração de certas regiões do Brasil Central, expuz-lhe em relatório datado em 31 de outubro de 1947, minhas observações feitas durante a viagem realizada nos meses de junho, julho e agosto do mesmo ano, bem como algumas sugestões a respeito. As páginas seguintes reproduzem êsse relatório com algumas modificações e acréscimos.

I

OS TAPIRAPÉ

Em 19 de julho de 1947 contamos na aldeia tapirapé de Tampiitáua 62 habitantes, sendo 59 submetidos a exame médico pelo meu companheiro de viagem, dr. Haroldo Cândido de Oliveira. O quadro seguinte mostra as relações de idade e sexo:

	Homens	Mulheres	Total
até 5 anos	5	3	8
de 6 a 15 anos	7	3	10
de 16 a 30 anos	14	17	31
de mais de 30 anos	6	4	10
Total	32	27	59

É de supor serem meninos os 3 que escaparam ao exame. Além disso encontramos em Pôrto Velho uma Tapirapé de mais de 30 anos, vivendo entre os sertanejos.

Em 1935, Tampiitáua tinha 130 habitantes, sendo 69 do sexo masculino e 61 do sexo feminino.

Convém mencionar que, desde então, certos indivíduos emigraram para Tritxutáua, outra aldeia tapirapé muito distante. Mas seu número parece ser inferior ao daqueles que vieram de lá para Tampiitáua. Segundo diver-

6: Baldus SP22 Tapirape

sas informações, Tzitxutáua é muito menor do que essa aldeia, de modo que hoje, provàvelmente, tôda a tribo tapirapé não terá mais de cem componentes.

O que impressiona no quadro acima apresentado é, por um lado, o número reduzido de crianças em relação ao dos adultos (18 indivíduos de 0 a 15 anos e 41 de mais de 15 anos) e, por outro, a pouca duração de vida (10 indivíduos de mais de 30 anos). Algo mais de 40 anos tinham só um homem e u'a mulher.

Segundo notícias que, em outubro de 1947, recebi do sr. Valentim Gomes, encarregado do Posto Indígena Heloisa Alberto Torres, e de Frei M. H. Leiong, de Conceição do Araguaia, as relações numéricas acima referidas sofreram modificações causadas pelo ataque dos Kaiapó a Tampiitáua, realizado em fins de agosto, no qual foram mortas 3 mulheres e roubadas 2 e 1 menino. Restaram, portanto, dos 59 indivíduos examinados, 31 do sexo masculino e 22 do sexo feminino.

Para exterminar a tribo contribui ainda, além de doenças, o costume de matar, em determinadas circunstâncias, os recém-nascidos.

Das alterações na cultura tapirapé sucedidas desde a minha primeira visita, feita há doze anos, quero mencionar, principalmente, o desaparecimento da fartura de alimentos vegetais. Na literatura sôbre êsses pacíficos e laboriosos Tupi, há muitas referências a suas grandes roças. Posso acrescentar que, pela quantidade e variedade de sua produção agrícola, êles superavam não só as tribos vizinhas, mas também os sertanejos. Em 1935, nos meses de junho a agosto, vi a aldeia cheia das mais saborosas bananas, de cinco variedades de mandioca e numerosos outros tubérculos, de favas, amendoim e milho. Em 1947, na mesma época do ano, percorrendo tôdas as casas, quase não achei nada disso. Tinha se tornado difícil obter umas bananas, um pouco de cará e beiju. A diminuição de tudo mostrava-se até no tamanho do amendoim, sendo o comprimento de seus legumes e sementes reduzido quase à metade, devido, aparentemente, à qualidade da terra das novas roças. Naturalmente, tal mudança na situação alimentar influi sôbre o padrão de comportamento tribal, reprimindo, por exemplo, a hospitalidade tapirapé, outrora ilimitada.

É verdade que, para isto talvez tenha contribuido também o contacto com os vizinhos brancos que, nos últimos anos, se estabeleceram no rio Tapirapé. Geralmente, êstes sertanejos, ou não têm nada para oferecer, ou vendem as sobras de seus produtos para poderem comprar sal e roupas. Seu corpo é subnutrido, mas a cultura os obriga vestí-lo. Assim, não lhes resta outra coisa do que, em vez de satisfazer as necessidades do estômago das visitas índias, criar mais uma necessidade para elas: a necessidade puramente cultural, e não física, de cobrir-se. Em 1935, tôdas as mulheres de Tampiitáua andavam completamente nuas. Agora, muitas usam, em presença dos brancos, trapos amarrados na cintura e algumas, vestidos inteiros.

É difícil afirmar se os Tapirapé já sentem realmente uma redução dos víveres animais causada por aqueles novos vizinhos. O que deve ser considerado a respeito, é o fato da diminuição do número de habitantes de sua taba ter sido mais rápida que o aumento dos moradores do rio. Não faltavam,

porém, queixas do seguinte teor: "Tapirapé só come peixe pequeno; não pode mais comer tucunaré e tartaruga e ovos dela."

Estas palavras aludem à ocupação do rio inteiro pelos sertanejos que, com isso, se apoderaram da fonte principal de proteína animal e gorduras. Convém lembrar, ainda, que anualmente, no tempo da sêca, em que desaparecem córregos e lagos, a fauna e com ela também os sêres humanos da região têm de concentrar-se naquele curso d'água para poderem matar sêde e fome. Não resta dúvida que os sertanejos, fixando-se para sempre em todos os lugares habitáveis do rio e tornando-se cada vez mais numerosos, diminuirão constantemente a caça e a pesca que os índios só em determinada época do ano costumavam aproveitar. Em todo caso, o fato de Tampiitáua, nos últimos tempos, ter sido transferida para mais longe do rio e mais para o norte, parece evidenciar que os Tapirapé se sentiam ameaçados pela proximidade dos povoadores brancos.

Quando, em 1935, subi numa ubá todo o Tapirapé, as margens estavam deshabitadas, havendo um único morador na foz, que, por assim dizer, lá ocupava o pôsto mais avançado da nossa civilização. Em julho de 1947 existiam em Pôrto Velho, que fica mais ou menos no meio do trecho navegável, isto é, numa distância de 15 a 18 léguas da boca, oito casas cujos habitantes eram quase todos paraenses e viveram antes em diversos lugares do Araguaia.

O povoamento e, com isso, a ocupação das terras dos índios por essa gente começou há cêrca de cinco anos e representa aspectos característicos de processos repetidos, com certas variantes, durante a colonização do Brasil. O líder é um fazendeiro de nome Lucio Penna da Luz, que mora em Mato Verde, vilarejo formado em 1934 na margem mato-grossense do Araguaia e a cêrca de quinze léguas acima da foz do Tapirapé. No decorrer do tempo, tornou-se conhecido o fato de ser relativamente fácil levar gado dêste rio a Mato Verde, fazendo-se a viagem por terra de Pôrto Velho até lá, em um dia e meio. Assim, moradores de Furo de Pedra e da barra do Tapirapé subiram êste rio para estabelecer-se na margem esquerda.

Quando, há alguns anos, tôda a navegação regular do meio Araguaia cessou devido à dissolução da emprêsa que fazia êsses transportes com barcos a motor, a vida nos mencionados dois lugares piorou até o desespêro, pois não havia mais saída para os seus produtos. Ficava em tôda a zona um único homem que os comprava: o sr. Lúcio. Êle era e é também o principal fornecedor das principais mercadorias das quais os sertanejos necessitam: sal e algum pano para se vestir. E dá fiado. Êles vendem a êsse dono de um motor, de uma casa de telhas e de milhares de cabeças de gado, o pouco de arroz e farinha de mandioca que lhes sobra, e alguma rez da meia dúzia que constitue a sua fortuna. E falam bem do homem, considerando-o o seu maior benfeitor.

A atração mútua levou o sr. Lucio e a clientela a encontrarem-se no meio do caminho. Êle instalou uma fazenda no alto Tapirapé e a gente da barra dêste rio e de Furo de Pedra estabeleceu-se mais ou menos pegado, isto é, em Pôrto Velho e de lá terra a dentro e rio acima. Mas como sucede com a maioria dos povoados do Araguaia, as inundações anuais cercam igualmente

6: Baldus SP22 Tapirapé

as moradas novas do rio Tapirapé, de modo que também aqui, durante longos meses, a canoa substitui o cavalo nas visitas ao vizinho. Naturalmente, em tal ambiente o amanho do solo continua muito restrito, o que, aliás, corresponde à índole nômade dêsses pequenos criadores de gado com sua tendência para o aproveitamento extensivo e não intensivo da terra. Assim, êsse tipo de sertanejo nascido à margem da nossa sociedade e formando, há séculos, a vanguarda da nossa civilização na penetração do Brasil, vai para a frente, sempre para a frente, deixando atrás de si os enormes espaços vazios tão característicos dêste país. Êle chama de "sertão bruto" a terra ainda não bem conhecida por êle e pelos seus semelhantes, e ao estabelecer-se, nela, não tem escrúpulos de considerá-la sua. É o etnocentrismo que o impede de compreender o fato de todo o sertão não percorrido pelo branco ter dono. E êste dono, isto é, o índio, não costuma passar, em geral, os limites de seu território, respeitando escrupulosamente os confinantes, se não pretende guerrear ou comerciar. Sendo o etnocentrismo a tendência muito humana de se encarar tôdas as cousas exclusivamente sob o ponto de vista do próprio povo como se êste, com os seus conceitos, fosse o centro do mundo, não é de extranhar que, amiúde aquilo que se afigura como "bruto" para nós, não o é para homens de outra cultura. Semelhante atitude leva pessoas com horizonte intelectual tão limitado como o dos sertanejos a ver as diferenças entre si e os índios de tal modo avultadas que êstes não lhes parecem ser "gente". Tomando isso como premissa, agem com lógica impecável se concluem ser devoluta a terra dos aborígenes. E as autoridades que ratificam esta conclusão, não se mostram menos etnocêntricas.

Longe de mim seja pintar os ocupantes do Tapirapé como invasores furibundos. São pessoas humildes e de ingenuidade comovente, representando o que se convencionou designar como "gente boa". Parece que não é só pela própria inferioridade numérica que procuram ter paz com os índios tratando-os com benignidade. Apesar disso, naturalmente, os choques são inevitáveis. Há os encontros em que não corre sangue. Interêsses econômicos encontram-se na zona de caça e pesca dos Tapirapé e êstes ficam privados de proteína. São de outra espécie os interêsses que propagam a gonorréa entre os Karajá. Mas em ambos os casos trata-se de índios tão amáveis que êsses encontros, apesar de suas consequências funestas para as tribos, apresentam-se aos sertanejos quando muito, como "choques moles" em comparação com os que sofreram de índios de têmpera bem diversa, a saber, dos Kaiapó e Chavante.

Estes Chavante e Kaiapó são Gê, isto é, pertencem ao grande grupo de tribos que mais resistência ofereceu e mais medo deu aos intrusos brancos, do que a maior parte dos outros selvícolas do Brasil. Acham, geralmente, o embate de sólidos cacetes preferível à conversa-fiada. O território tapirapé está encravado entre êles. Mais temidos do que os Chavante são os Kaiapó do norte, sendo, de fato, o número de suas vítimas maior do que o dos estranhos que perderam a vida penetrando em terra chavante. Acresce que os Kaiapó não sòmente avançam em direção ao Araguaia para acabar com os sertanejos e suas casas. Marcham para o sul atacando Tampiitáua ,como exporei mais adiante.

6: Baldus SP22 Tapirapé

O complexo de superioridade, produto característico do etnocentrismo, não falta também aos novos habitantes do Tapirapé. Êste grande, à qual o povo das cidades do Rio e S. Paulo dá o nome de caboclos, chama assim, por sua vez, aos índios, seguindo com isso o costume dos nortistas. O que nós tratamos de caboclo, anda com o pé no chão. Para aqueles sertanejos sem sapatos, porém, caboclo é aquele que nem sequer faz questão de usar calça. Mas ainda que calça e sapato marquem as distâncias culturais que os separam, por um lado, do índio, e, por outro de nós, há um fato que os faz membros da nossa sociedade e de nenhuma outra. Êstes pobres conquistadores do desconhecido não estão isentos de impostos. Têm de pagá-lo por cabeça de gado.

A êsse respeito convém mencionar a histórica povoação de S. José, aglomeração de cêrca de trinta casas, cheia de doença e miséria, situada num dos mais lindos lugares do Araguaia. Os habitantes pagam impostos de diversas espécies e dizem que o govêrno não faz nada por êles. Pagam, por exemplo, imposto escolar sem ter escola. O nosso companheiro dr. Haroldo Cândido de Oliveira era o primeiro médico a visitá-los nos últimos vinte anos. Quando a lancha do Serviço de Proteção aos Índios passa, êsses goianos abandonados recebem algum remédio.

Mas o que poderia contribuir, além da calça e do imposto, para fazer o sertanejo sentir-se superior ao índio? Aquele imposto que o habilita a pertencer ao mundo capitalista? O rifle já existe entre os Karajá. E os índios do Araguaia são melhor alimentados, tomam mais banho e, como revelou o exame médico, têm menos maleita e mais saude geral do que os chamados "civilizados" ao seu redor, que, aliás, em grande parte, são negros e mulatos. Como homem etnocêntrico, porém, o sertanejo considera tudo que difere de sua própria cultura, como inferioridade. E as diferenças culturais entre êle e o índio abrangem a vida tôda tão profundamente que quase ocultam as semelhanças produzidas pela igualdade do ambiente geográfico e pelo fato de serem ambos, membros do mesmo gênero humano. Pratos gostosos do índio, como, por exemplo, as sopas de amendoim, milho ou mandioca, mastigadas pelas mulheres para serem sacarificadas com auxílio da saliva, são, para o sertanejo, "porcaria", da qual se afasta com nojo. As casas tapirapé, cobertas de folhas de palmeira e "banana brava", sólidas defesas contra o calor, o frio e a chuva, não valem nada aôs olhos daquele que tem paredes de barro. A língua que êle não entende, é tão feia para êle como lhe parecem ridículos ou horripilantes todos os costumes estranhos, sejam êles pintura do rosto, uma dansa de máscaras ou as práticas dos médico-feiticeiros. Isso não impede ser êle mesmo em certos aspectos da cultura material, não menos "primitivo" do que o índio. Em Pôrto Velho, por exemplo, uma família de Conceição usava como escada um tronco de árvore com degraús escavados, assemelhando-se a êsse respeito, aos índios Oiampi da Guiana, que por tal escada sobem às suas casas palafíticas.

Recuando perante os intrusos brancos pela transladação do Tampiitáua, os Tapirapé caíram de novo nas mãos daquele vizinho que, provàvelmente, desde séculos, é o inimigo número 1 de sua tribo. Já em 1935, mostraram, nas horas da noite, abertamente, o seu pavor, pedindo-me para não largar ao deitar-me na rede, o revolver, pronto para defendê-los dos Kaiapó que, três

anos antes, tinham assaltado e destruido outra aldeia sua, matando a maior parte dos habitantes. Quando cheguei a Pôrto Velho, em julho último, a mesma preocupação se tinha apoderado dos sertanejos. Falavam da aproximação dos Kaiapó, como dela se tinha falado, há doze anos, em Tampiitáua. Os boatos a respeito foram corroborados pela presença de três famílias provenientes dos Campos de Conceição do Araguaia. Diziam que tinham saido de lá sòmente por medo dêsses índios que, no ano passado, mataram sete pessoas.

Infelizmente, o perigo esperado não era imaginário. Poucas semanas depois da nossa última visita, os Kaiapó atacaram Tampiitáua. Pormenores dêste trágico acontecimento estão relatados na carta que recebi de Frei M.-H. Lelong (*). Nela se lê que a aldeia foi saqueada e queimada, estando os sobreviventes refugiados em Pôrto Velho, onde lhes faltam víveres para alimentar-se, redes para dormir, algodão para fabricar novas redes, instrumentos de lavoura e utensílios de cozinha(**).

Medida urgente a se tomar é a fundação de um Pôsto na parte superior do rio Tapirapé. Destinado a proteger os índios homônimos era, até agora,

---

(*) Conceição do Araguaya, 11 octobre 1947

Monsieur le Professeur.

Je suis le Français que vous avez rencontré sur l'Araguaya lorsque vous remontiez du Tapirapé vers Léopoldina.

Je sais combien vous vous intéressez à ce petit groupe d'Indiens sympathiques; aussi arrivé depuis avanthier à Conceição je m'empresse de vous adresser des nouvelles que sont bien tristes.

Dans les derniers jours du mois d'août des guerriers Cayapos — Gorotire évidemment — ont attaqué le village tapirapé alors que tous les hommes étaient au lac des Tucunaré. Il ne restait que les femmes, les enfants et le vieux Camaré. Ils ont tué deux femmes et une jeune fille, Kirôa femme de Tampiri, Amoou femme de Perera, et Tamamêchêne et enlevé une femme, une jeune fille et un petit garçon: Iperóinhi, femme de Camaré, Amanai fille de Pereira, et Uácuré, fils d'Kirôa (excuses la transcription de ces vocables tupys). Le vieux a décoché ses flèches, les "braves" Cayapos se sont enfuis, non sans brûler deux cases. Avec le P. Palha, nous avons trouvé cette population apeurée refugiée à Porto Velho, manquant de tout, ayant faim, démoralisée. Bref un spectacle navrant analogue à ce que j'ai vu en Europe. Nous avons décidé les Tapirapés à aller jusqu'à leur village. Les femmes avaient peur et détournaient les hommes. Sept sont partis avec nous et quatre ont été jusqu'au bout. Nous avons trouvé ce charmant petit village dont, avec le Docteur Harahbe, vous avez été les derniers visiteurs, pillé sauvagement. Nous avons supporté les cases-ôtes qui avaient servi au massacre. Je vous les décrirai et vous donnerai beaucoup d'autres détails sur cette affaire. Les Cayapos étaient revenus le matin même pour continuer le pillage. Nous ne les avons malheureusement pas surpris. Nous sommes restés un jour et une nuit. Les trois Tapirapés ont pris une charge de coton et de farine (ils n'ont plus de hamacs et souffrent beaucoup) et ils ont mis le feu à leur village pour empêcher les ennemis de continuer à s'en servir. C'était assez tragique. Nous sommes rentrés à Porto Velho. Ils ont l'intention de s'installer à quelques lieues de São João. J'ai vu les grandes plantations de ces braves gens travailleurs et pacifiques, c'est une pitié. Il suffirait de dix hommes armés pour nettoyer le pays de ces assassins, mais personne ne fait rien. Je pars, d'ici trois ou quatre jours vers Maraba d'où je prendrai l'avion. J'espère aller directement à Saint Paul où je m'empresserai de vous rencontrer pour voir si l'on ne pourrait pas obtenir un secours urgent pour les pauvres Tapirapés.

Je vous dis à bientôt et vous prie de croire, Monsieur le Professeur, à mes sentiments les plus distingués

(a) *M. H. Lelong, O. P.*

(**) Suprimo os trechos de meu relatório nos quais frisei a necessidade de se enviar socorro aos sobreviventes. Quem os salvou foi o sr. Lucio Penna do Luz despachou chefe e comida. Em setembro de 1948, o sr. Harald Schultz, assistente do Etnologia do Museu Paulista, encontrou a maior parte dêles morando em quiçaça do fazenda São Pedro, propriedade do sr. Lucio, situada na margem direita do Tapirapé.

6: Baldus SP22 Tapirape

o Pôsto Indígena Heloisa Alberto Torres, situado, atualmente, na foz dêsse rio. Revelou-se inadequado para êste fim por estar afastado demais do habitat da tribo. Por outro lado, já em 1942, comentando as tentativas de aldear os Tapirapé nesse ponto do Araguaia, chamei a atenção para o fato de que "o contacto imediato e contínuo dêsses índios com os mais variados representantes da nossa civilização, contacto êsse inevitável ao realizar-se o mencionado projeto, trará o extermínio certo daquela pacífica tribo tupi." (SOCIOLOGIA, vol. IV, pág. 407). Pois os Tapirapé não estão, como os verdadeiros donos do Araguaia, a saber, os Karajá, em relações seculares com os brancos, as quais parecem tê-los habilitado física e psìquicamente, pelo menos em certa medida, para alguma resistência.

A inconveniência de localizar os Tapirapé na foz do rio homônimo não implica no abandono do Pôsto Heloisa Alberto Torres. Este é indispensável não só para a proteção do grupo dos Karajá do Norte, nele aldeado, e dos demais grupos que moram Araguaia abaixo, mas também para o controle da entrada no rio Tapirapé.

Como local do futuro Pôsto de Proteção aos índios Tapirapé parece-me recomendável o ponto da margem esquerda chamado de Pôrto Frederico pelos sertanejos em lembrança de meu companheiro de viagem de 1935, um missionário inglês que aí tinha construido um rancho. Fica num barranco distante meia légua de São Domingos, lugar até onde costumam chegar os dominicanos de Conceição do Araguaia, nas suas viagens apostólicas. É o último ponto para atracar, no trecho navegável, pois pouco acima há uma cachoeira. Daí parte o atalho talvez secular que liga o rio com a grande mata habitada, desde tempos remotos, pelos Tapirapé, permitindo alcançar a sua orla, na época da seca, num dia de marcha a pé ou a cavalo. Uma canoa com motor de popa desce em dois dias, viajando de manhã até o anoitecer, de Pôrto Frederico até a foz do rio, não gastando, geralmente, mais tempo na subida, pois a correnteza é fraca. Num dia está em Pôrto Velho.

Aparentemente, também o sr. Lucio Penna da Luz percebeu as vantagens de Pôrto Frederico. Chegando lá em 17 de julho de 1947, encontramos duas famílias de vaqueiros que tinham chegado no dia anterior. Por ordem dêsse fazendeiro, já tinham erigido o vigamento de sua futura morada e estavam preparando as folhas de palmeira para cobrí-la. Explicaram que tinham vindo para estabelecer uma fazenda nestas terras e que seu patrão pretendia instalar ainda outra, rio acima, de modo que ficaria ocupada tôda a margem do Tapirapé até agora pertencente aos índios homônimos.

O Pôsto Indígena a ser instalado em Pôrto Frederico ou nos arredores serviria não só para vigiar o território reservado aos Tapirapé e oferecer a êstes um refúgio em caso de avanços e ataques dos Kaiapó do norte. Poderia impedir, também, a invasão de aventureiros nas terras situadas ao sul e oeste que se supôs serem povoadas pelos Akué-Chavante e pela tribo tupi dos Ampanecá (cf. a respeito os meus trabalhos "Uma ponte etnográfica entre o Xingu e o Araguaia", Revista do Arquivo Municipal, vol. XLIII, S. Paulo, 1938 e "Os Tapirapé, tribo tupi no Brasil Central", ibidem, vol. C, S. Paulo, 1945).

Sendo os Tapirapé tradicionalmente índios da mata, é preciso ventilar a possibilidade de estabelecer o novo Pôsto nas proximidades da taba recem-questmada, isto é, na boca da grande mata. Considero reduzidíssima essa possibilidade pelas dificuldades de comunicação durante as anuais enchentes que cobrem os campos e o solo das selvas.

Outra possibilidade de proteger os Tapirapé seria reuni-los num Pôsto a ser fundado na ilha do Bananal. As vantagens disto consistiriam em localiza-los num Território Federal destinado a ser exclusivamente reserva para os índios da região e acessível com maior facilidade do que o alto rio Tapirapé. Por outro lado, porém, justamente essa facilidade poderia dificultar a conservação da tribo como unidade étnica. Além disso deve ser considerado o seguinte: Ainda que certos grupos tapirapé, segundo algumas fontes, tivessem estado passageiramente na ilha do Bananal, há mais de cem anos, tudo indica que o grosso da tribo mora no seu atual habitat desde o século XVIII (cf. meu estudo a respeito na Revista do Arquivo Municipal, vol. XCVIII, S. Paulo, 1944), sendo os Tapirapé, portanto, física e culturalmente adaptados a este ambiente e em condições de preservar nele a sua cultura. Acresce que aí, também, as relações entre os habitantes de Tampiitáua e Txitxutáua podem continuar oferecendo possibilidades de casar fora da aldeia ou mudar de aldeia por desgostos, razões de política, etc.(*).

Seja como for: há três necessidades fundamentais a considerar em qualquer localização dos Tapirapé: — 1) A existência de uma grande mata própria para as extensas roças dessa tribo essencialmente agrícola; 2) O afastamento de todos os representantes da nossa civilização que não sejam funcionários do Serviço de Proteção aos Índios, etnólogos ou médicos ligados a êste Serviço; 3) O afastamento de indivíduos de outras tribos indígenas.

Acho que o padre Lelong tem razão quando, na sua carta, escreve com referência aos Kaiapó que invadiram o território tapirapé: "Il suffirait de dix hommes armés, pour nettoyer le pays de ces assassins." Mas tais dez homens armados deveriam estar sob as ordens do Serviço de Proteção aos Índios, para aprisionar sem derrame de sangue os culpados pelo morticínio e conduzi-los para a idílica penetenciária instalada no Pôsto Indígena de Icatu, Estado de S. Paulo. Uma das tarefas mais urgentes é, sem dúvida, a pacificação definitiva dos Kaiapó do norte que, em oposição aos Akuo-Chavante, costumam sair fora dos limites tradicionais de seu território para atacar os vizinhos inofensivos (cf. o que escrevi a respeito na Revista do Arquivo Municipal, vol. CII, S. Paulo 1945, pp. 123-130).

(*) Em relatório sôbre sua visita aos Tapirapé feita em setembro de 1948, o sr. Harald Schultz me comunica que "nenhum dos Tapirapé simpatizava com a idéia de ser transferido para um lugar perto da Conceição do Araguaia, conforme era plano do Frei Luiz Pedro." Observa que êsses índios desejam construir aldeia perto das casas da mencionada fazenda S. Pedro, na margem direita do Tapirapé, e acrescenta: "Se o S. P. I. não estiver em condições de criar um pôsto junto dos índios Tapirapé, creio digno de estudo a possibilidade de intervenir o sr. Lucio da Luz de protege-los. O sr. Lucio da Luz é um homem de grandes posses, e não teria interesse em apenas ganhar os parcos vencimentos como encarregado ou chefe que fôr daqueles índios, antes o faria pelos sentimentos humanitários que, creio eu possui, possui."

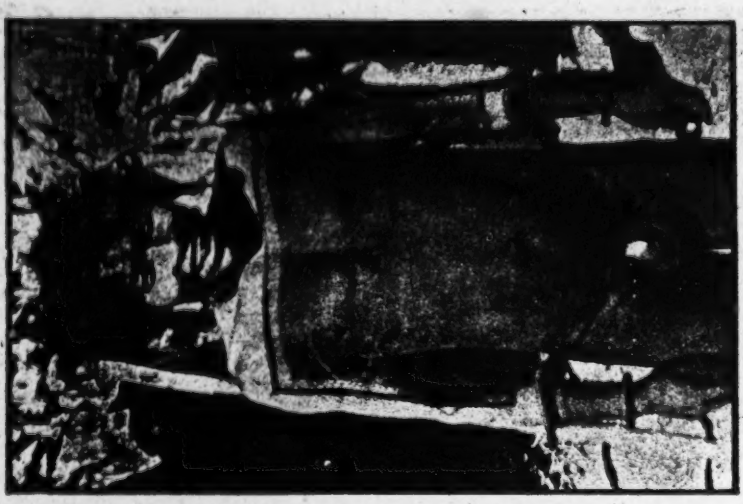

Fig. 2. Rapaz tapirapé com cabelo crespo, cafeína de antebraço e pintura do corpo.

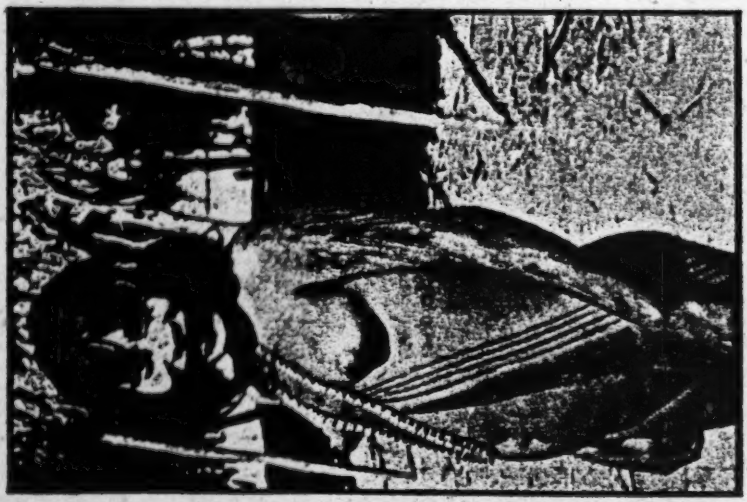

Fig. 1. Moça tapirapé com a pintura do corpo característica das mulheres.

[p. 168-A].

[pp. 145-68 NOT PROCESSED]

6: Baldus SP22 Tapirapé
HERBERT BALDUS Primeira H

Fig. 3. Rapaz tapirapé com outra pintura do corpo.

Fig. 4. Moça tapirapé com a pintura do corpo característica das mulheres.

Fig. 5. Homem tapirapé do nome Irêvoy, com pintura do corpo.

Fig. 6. Rapaz tapirapé com pintura do corpo e enfeites nos antebraços

Fig. 6. Bapa tapirapé

Fig. 7. Menina tapirapé com os cabelos cortados em forma de tigela.

[p. 168 D]

Fig. 8. - Tamapantáde-Karanaxé, com cêrca de quarenta e cinco anos e, em 1947, o mais velho Tapirapé. Defendeu obstinadamente a sua aldeia contra os Kaiapó.

Fig. 10. Rapaz tapirapé fabricando bonecas de cera.

Fig. 11. Crianças tapirapé brincando na praia de Porto Velho.

[p. 168 F]